

oportunidade das empresas investirem na divulgação de seus produtos e serviços, na interação com os clientes, a fim de criar um ambiente favorável a novos negócios.

Como uma mostra ampla de produtos e serviços, a feira vai além das grandes máquinas agrícolas. São sementes, fertilizantes, defensivos e educação, por meio de palestras, cursos, treinamentos, *workshops* e rodadas de negócios. Isso sem contar as dinâmicas, desde o preparo do solo até a colheita, com *test-drive* de máquinas e equipamentos e orientações sobre manejo.

O expressivo e rico mosaico de expositores faz da feira uma central de inteligência agrônômica, tecnológica, financeira, jurídica, de comunicação e *marketing*, entre outras áreas cruciais para a competitividade do agronegócio. São fabricantes, consultorias, bancos, universidades, institutos de pesquisa, agentes do mercado de capitais, órgãos públicos, veículos de comunicação, nacionais e estrangeiros a disposição do produtor.

Nesta edição 2010, o produtor rural verá de perto o empenho dos organizadores – Abag, Anda, Abimaq e SRB – para fazer uma Agrishow cada vez melhor e mais completa.

A feira terá uma área 50% maior em comparação à das edições passadas, com a presença de mais de 730 expositores e a realização de aproximadamente 800 demonstrações de campo. Foram gerados cinco mil empregos diretos nos preparativos e montagem e outras 12 mil oportunidades de trabalho serão abertas durante a realização.

Os investimentos em infraestrutura fixa são o termômetro de que a feira receberá mais recursos nos próximos anos. O compromisso do governo do estado de São Paulo, da Secretaria de Agricultura, das entidades organizadoras, da prefeitura e principalmente da população de Ribeirão Preto e região nos dá a certeza de que a Agrishow continua firme na sua rota de crescimento, saindo do segundo lugar para assumir o posto de maior feira do agronegócio mundial. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Opinião

Migração de cultura



João Sampaio*

A ALTERAÇÃO da paisagem agrícola, reproduzida na literatura brasileira por Monteiro Lobato, no seu livro *Cidades Mortas*, quando descreve o declínio da cafeicultura predominante no Vale do Paraíba no século 19, tornou-se um retrato da melancolia econômica que abateu a região. Mas a literatura ainda não retratou o movimento oposto, da ocorrência de desenvolvimento devido à introdução de novas plataformas produtivas locais.

Naquele tempo, os ciclos se davam de forma lenta. No entanto, nos últimos quarenta anos, a migração de culturas provocou revoluções econômicas e tecnológicas regionais mais intensas e rápidas.

O café começou no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, passou pelo Vale do Paraíba, em 200 anos chegou à Mogiana, migrou para o Paraná, e hoje está no oeste da Bahia. A última parte transcorrida no século passado. A cultura foi a base da industrialização de São Paulo, fez a colonização do norte do Paraná e proporciona o *boom* econômico do Cerrado baiano. Cidades como Barreiras e Luis Eduardo Magalhães estão no mapa da produção e influenciam o preço das principais *commodities* agrícolas no mundo.

O algodão teve importância em São Paulo, que já foi o maior produtor da fibra no País, com suas principais variedades produzidas pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), órgão da Secretaria de Estado de Agricultura. Atualmente, a cultura con-

quistou o Centro-Oeste, com características diferenciadas pelo adensamento e atendimento a nichos de mercado.

A soja e o milho também transformaram economicamente o Centro-Oeste. O município de Campo Verde, no estado de Mato Grosso, emancipado há 21 anos, que se chamava Posto Paraná, não passava de um distrito da Chapada dos Guimarães. Atualmente, com 30 mil habitantes, tem bons índices de qualidade de vida, com área urbana 100% servida de água encaçada e energia elétrica.

O impacto pode ser medido pela renda *per capita* dessas regiões, bem como pelo desenvolvimento educacional. O crescimento dos cursos de MBA em Agronegócio e Administração e a utilização de novas ferramentas de comercialização são exemplos ilustrativos da mudança da paisagem social, acompanhando a evolução agrícola.

A fruticultura, que consolidou a chamada reforma agrária produtiva na região de Campinas, onde predominam as pequenas propriedades familiares de alta rentabilidade, hoje se multiplica em Petrolina (PE). A produção de flores na tradicional Holambra, também na região de Campinas, agora colore os campos do Ceará e transforma a sua realidade árida.

A alcunha Mapito, combinação dos estados do Maranhão, Piauí e Tocantins, a nova fronteira do desenvolvimento econômico conduzido pela consolidação agrícola, demonstrará, mais uma vez, que a migração de culturas e a introdução de novas variedades e tecnologias de cultivo são capazes de transformar a realidade de toda uma região.

Além de responsável pela ocupação e expansão, a agricultura é uma atividade econômica transformadora de realidades, ao promover o desenvolvimento de outros ramos industriais e de serviços. A partir do momento em que a sociedade urbana compreender essa dinâmica, e que o agronegócio se comunique melhor com as cidades, será mais fácil a construção de uma sociedade mais justa, a começar pelo seu desenvolvimento local. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo